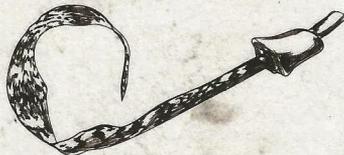


RESIDÊNCIA
BELOJARDIM
**CARLOS
MÉLO**





Nos últimos anos, tem crescido no mundo da arte internacional o desejo de “desaprender” os métodos, o vocabulário e as rotas já estabelecidas e saturadas do seu campo profissional, sendo a Documenta de Kassel de 2017 talvez o exemplo mais evidente deste fenômeno. A exposição trazia essa ideia no título, *Learning from Athens* (Aprendendo com Atenas), e pela primeira vez na sua história se dividia entre duas cidades. O mais prestigiado evento da arte contemporânea, que ocorre a cada cinco anos na cidade de Kassel, na Alemanha, buscou novas formas de comunicação com o público, suspendendo, por exemplo, as fichas técnicas com informações conceituais sobre os trabalhos apresentados sob o pretexto da avalanche textual que já existe no meio e com a intenção de incentivar a audiência a buscar referências por conta própria, mesmo contendo vários trabalhos especialmente encomendados para o certame. Pressupor que o público local domine as ferramentas teóricas já comuns no meio artístico internacional não foi a única expressão de arrogância dos organizadores. A forma de atuação do time curatorial no contexto ateniense, isolando-se dos agentes locais e usando os espaços da cidade para receber o conteúdo engendrado pelo seletivo grupo, também espelha a maneira recorrente de atuação do

mundo da arte: apropriar-se dos signos, do léxico, dos lugares e dos materiais de grupos e países subalternizados para ampliar sua linguagem e manter-se no poder, ao mesmo tempo em que se instrumentalizam as pautas sociais e se cria um engajamento superficial. Como fazer diferente? Como profissionais da arte podem construir pontes genuínas com outros grupos?

Não temos respostas, mas estamos em plena busca de possibilidades. Aprender realmente com um lugar e construir um processo que seja significativo para as partes envolvidas é uma tarefa complexa, delicada e de longo termo, e estas têm sido as premissas do projeto *Residência Belo Jardim*. Não queremos importar modelos já consolidados mundo afora e bastante populares, mas que não condizem com a realidade de Belo Jardim e do seu circuito artístico; por isso, nos últimos dois anos, temos experimentado formatos de intervenções e perfis de artistas para consolidar nossa imersão na cidade.

A segunda edição da residência ocorreu com o artista Carlos Mélo – assim como o primeiro artista residente, Marcelo Silveira, outro filho do Agreste pernambucano –, que já era familiarizado com Belo Jardim e com sua cena cultural. Numa de suas incursões na cidade, soube da existência da comunidade quilombola do Barro Branco, e a forma como ela era percebida pela população urbana da cidade chamou-lhe a atenção, fomentando nele o desejo de desenvolver algum trabalho no lugar e com seus habitantes. O convite para participar da *Residência Belo Jardim* foi a ocasião ideal para materializar este encontro.

Diferentemente de Marcelo Silveira, que abriu o projeto com uma proposta que ativava a relação com vários locais e pessoas distribuídos pela cidade, numa intervenção de ordem panorâmica e horizontal, Carlos focou-se numa conexão aprofundada com o território e os moradores do Barro Branco. Nas mãos do artista, a Fábrica Mariola transformou-se no Espaço Oco, uma espécie de âncora de experimentação no distrito urbano aberta para artistas locais e da região apresentarem trabalhos em performance, enquanto era tecida a trama de seu trabalho: cuidadosas etapas para a realização de *barro oco*, seu primeiro média-metragem. É importante salientar que o Espaço Oco não era um apêndice da residência, dado que a prática artística de Carlos Mélo engloba o fomento a jovens artistas e a interlocução com eles, mas parte constituinte deste modo de ativar o espaço a partir das relações com as pessoas e o entorno.

Os dois meses de residência tornaram-se quatro. Realizar responsavelmente um filme com uma comunidade quilombola neste momento de grande tomada de consciência da persistência das estruturas coloniais no cotidiano brasileiro envolvia um processo denso e zeloso de escuta e de análise. Não se queria repetir o secular roteiro colonialista e extrativista do homem branco adentrando um território desconhecido para exotizá-lo ao mesmo tempo em que silencia as vozes e a vida locais em prol de seu proveito próprio. Para Carlos Mélo, ficou evidente de partida que o roteiro do filme deveria surgir da escuta atenta da comunidade e de sua lenta integração naquela

paisagem, buscando acessar uma maneira de existir que o artista denominou “devir-quilombo”. Adepto da psicanálise e entusiasta do trabalho desenvolvido pelo Núcleo da Subjetividade implementado por Suely Rolnik na PUC-SP, o artista buscou no maapeamento de sintomas da comunidade a rota para a estruturação de seu média-metragem. Seu orientador deste processo foi Tarcísio Almeida, integrante do núcleo que passou quinze dias em intenso contato com o artista e a comunidade. Desta convivência, saltaram palavras-chaves, imagens e situações que foram norteando a construção de um roteiro.

A fase seguinte foi preparar a comunidade para ser filmada. Carlos Mélo não desejava fazer um documentário, nem uma ficção, já que ele não é um documentarista ou cineasta, mas queria criar linguagem a partir da vivência das pessoas que encontrou no Barro Branco. Tencionava orquestrar a espontaneidade da presença dos participantes em cenas presenciadas na convivência ou imaginadas por ele. Para alcançar este resultado, foi convidada a atriz Erlene Melo, pernambucana radicada no Sudeste, para ministrar um workshop de preparação de elenco. O desafio era tornar natural a presença de câmeras, equipe de filmagem e direção para sujeitos não habituados com o campo cênico. O desejo era de que não assumissem personagens, mas que fossem, na medida do possível, eles próprios. A oficina durou dois dias e reuniu crianças, jovens, adultos e idosos. O principal trabalho era sentir o próprio corpo por meio da respiração e da meditação e compreender o impacto de sua existência no mundo e no

outro. Segundo os relatos de Erlene, o início foi tímido, mas, já no segundo dia, ninguém queria que acabasse. Pulso, respiração e verbo foram sincronizados para esta troca com o artista.

Outros profissionais de cinema foram sendo incorporados no filme: o roteirista Sérgio Raposo e o diretor de fotografia Camilo Soares, que orientaram e foram orientados numa intensa troca entre agentes de campos distintos. Apesar de já ter realizado inúmeros vídeos nos últimos vinte anos, *barro oco* é o mais complexo trabalho em imagem em movimento criado por Carlos até agora. Aprender enquanto faz é uma pedagogia recorrente no Nordeste do Brasil, um misto da urgência de ter que inventar porque não há alternativa e inventar como uma estratégia de resistência e de transgressão. No processo, negociações de linguagens e de saberes entre estes participantes foram sendo ativadas para constituir um trabalho artístico que se fia na convergência de potências cujo objetivo não é narrar uma história, mas evidenciar sintomas e questões.

Assim como toda a obra de Carlos Mélo, *barro oco* foi construído a partir daquilo que poderíamos designar como o devir da linguagem: uma linguagem em constante estado de metamorfose e que produz, em suas infinitas mutações, imagens e sentidos que ultrapassam o alcance semântico tradicional das palavras. O interesse pela linguagem e por sua capacidade de ser reinventada já aparece em várias obras anteriores, como os anagramas em neon que sugerem correspondências poéticas entre as palavras

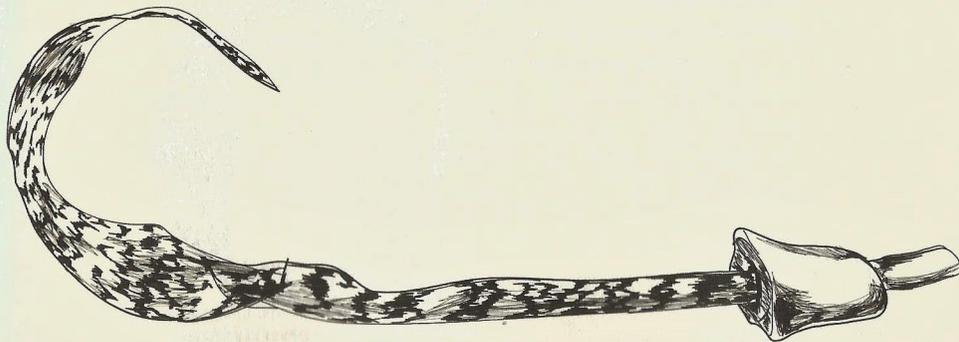
sem circunscrever os possíveis sentidos que emergem dali: IRACEMA, AMERICA; AGRESTE, RESGATE. Ao longo dos anos, “corpo”, “oco”, “barroco”, entre outros termos, surgiram em contextos distintos e em diferentes momentos atrelados à obra de Carlos Mélo, a cada vez agregando novos sentidos às palavras. Foi durante uma viagem ao México, no início de 2018, que o artista ouviu uma frase que o marcou: “O osso é um barro branco e oco.” A comunidade quilombola do Barro Branco, àquela altura, já habitava sua imaginação; os ossos, por sua vez, são um motivo recorrente em desenhos e esculturas produzidos na última década; já a ideia de “corpo oco” se firmou como um dos conceitos fundamentais de sua obra. A linguagem como criadora de mundos ou de modos de estar no mundo foi, portanto, mais uma vez, o elemento instigador primeiro do filme *barro oco*. Como é característico da metodologia do artista, o trabalho se desenrolou de forma não linear, resgatando e ressignificando elementos que permeiam todo o seu corpo de obras.

O mote do filme era a construção de uma escultura de ossos de boi que atravessasse o território reivindicado pelos quilombolas e as terras do vizinho que não reconhece este direito. Enquanto os ossos eram arregimentados e preparados por moradores e equipe, a tenda principal onde a comunidade se reunia era reconstruída após um incêndio iniciado de forma misteriosa. Uma estrutura linear que trespassa e uma estrutura circular que agrega se tornavam índice das lutas locais captadas pelo artista. Elaine Lima, a líder

do Barro Branco, tornou-se a protagonista do média-metragem; e seu cotidiano e pensamento, os fios condutores da obra. Cícera, outra liderança da comunidade, é a segunda protagonista, assinalando um contraponto confessional de atuação no lugar.

Até o dia de exibição de *barro oco* para a comunidade quilombola do Barro Branco, o Espaço Oco recebeu visitantes convidados para fazerem falas públicas, trocaram ideias com a cena local e a equipe do projeto, além de acompanharem o andar do trabalho: Marcus de Lontra Costa, Lorane Barreto, Suzy Okamoto e Mariana de Matos. De suas visitas, surgiram textos que alimentaram nosso site e esta publicação, o que gostaríamos de agradecer enormemente. Longe de querer esgotar esta experiência de Carlos Mélo na *Residência Belo Jardim*, estes veículos de comunicação são formas de repassar minimamente para a esfera pública o que foi vivenciado em momentos de grande intensidade com os participantes de cada etapa do projeto e explicitar um contexto para uma obra que ganha o mundo. Com *barro oco*, a luta do Barro Branco é disseminada mundo afora. Com este filme, o artista não pretende resolver os embates deste povo, mas colaborar de sua forma para a amplificação de sua voz.

CRISTIANA TEJO E KIKI MAZZUCHELLI
CURADORAS



**RESIDÊNCIA
BELOJARDIM
CARLOS MÉLO**

CURADORIA
Cristiana Tejo e Kiki Mazzucchelli

COORDENAÇÃO GERAL
Luíza Mello

PRODUÇÃO LOCAL
Adauto Bacelar

PRODUÇÃO LOCAL/ARTE-EDUCADORES
Bárbara Amorim
Joseilson da Silva Sanrtos
Vanessa Melo

COORDENAÇÃO EDUCATIVA
Carlos Mélo

EDUCADORES EXPOSIÇÃO
SESC LER BELO JARDIM
Eduardo Espíndola
Nadia Almeida

CONSULTORES
Erlene Melo
Tarcísio Almeida

**ASSISTENTE LOCAL DO ARTISTA/
COLABORADORA**
Elaine Lima

DESIGN GRÁFICO
Alex Souza | Dinamo Design

**COORDENAÇÃO DE COMUNICAÇÃO/
ASSISTENTE DE CURADORIA**
Rita Vénus

FOTOGRAFIA
Geyson Magno

FOTOGRAFIA ADICIONAL
Vanessa Melo

REGISTRO VIDEOGRÁFICO
Heleno Florentino

PALESTRANTES/PERFORMANCES
Adones Valença
Clovis Teodorico
Kleber de Oliveira
Lorane Barreto
Marcus de Lontra Costa
Suzy Okamoto

ASSESSORIA DE IMPRENSA
Mariana Oliveira

MONTAGEM/ILUMINAÇÃO
Adones Valença

GESTÃO
Leticia Libanio
Mariana Schincariol de Mello
Marisa S. Mello

SITE
Bruno Gosling | New Gosling

PROJETO E PRODUÇÃO
Automatica

CATÁLOGO

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Cristiana Tejo e Kiki Mazzucchelli

**PRODUÇÃO EDITORIAL E
EDIÇÃO DE IMAGENS**
Luíza Mello

DESIGN GRÁFICO
Alex Souza | Dinamo Design

FOTOGRAFIA
Geyson Magno

TEXTOS
Carlos Mélo
Cristiana Tejo
Erlene Melo
Kiki Mazzucchelli
Marcus de Lontra Costa
Mariana de Mattos
Suzy Okamoto

TRATAMENTO DE IMAGENS
Dinamo Design

EDIÇÃO
Automatica

APESAR DE TEREM SIDO TOMADAS TODAS AS
PRECAUÇÕES E REVISÕES CABÍVEIS, A EDITORA
NÃO SE RESPONSABILIZA POR EVENTUAIS ERROS
OU OMISSÕES POR PARTE DOS AUTORES.

**EQUIPE
FILME
barro oco**

DIREÇÃO, CRIAÇÃO E ARGUMENTO
Carlos Mélo

ROTEIRO
Sérgio Raposo

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO
Luíza Mello

MONTAGEM
João Paulo Reys

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA
Camilo Soares

1º ASSISTENTE DE CÂMERA
Rafael Cabral

SOM DIRETO
Guma Farias

CHEFE DE MAQUINARIA
Alex Sandro

ASSISTENTE DE MAQUINARIA
Dyego de Souza

DRONE
Pedro Coelho

ASSISTENTE DE PRODUÇÃO/DIREÇÃO
Renata Gamelo

ASSISTENTES DE PRODUÇÃO LOCAL
Adones Valença
Bárbara Amorim
Vanessa Melo

FOTOGRAFIA STILL
Geyson Magno

ASSISTENTE DE FOTOGRAFIA STILL
Vanessa Melo

MOTORISTA
Chiquinho

FILMAGEM ADICIONAL
1º ASSISTENTE DE CÂMERA
Raphael Malta

2º ASSISTENTE DE CÂMERA
Pedro Melo

SOM DIRETO
Rafael Travassos

MOTORISTA
Márcio Tarquínio

TRILHA SONORA
Eduardo Albuquerque
Gledson Lamartine
Helgeison Feitosa
Leo Barbalho

COLORISTA
Paulo M. de Andrade

MIXAGEM
Vinicius Leal e Jesse Marmo
Estúdio Audiorama Filmes

PARTICIPAÇÃO ESPECIAL
Antonio
Bira
Cícera
Coquinho
Dinda
Elaine
Sebastião

**COM A COMUNIDADE
QUILOMBOLA
DO BARRO BRANCO**

Adriana Maria Aleixo
Andréia Alves da Silva
Andreza Alves da Silva
Antonio José da Silva
Cícera Maria da Silva
Deivid Cordeiro da Silva
Edmilson João Aleixo
Elaine Lima do Nascimento
Erivaldo Rodrigues da Silva
Flávio Leandro de Moraes Melo
Geilson de Lima
Genilson Aleixo de Lima
Jaciane Cordeiro da Silva
Jadicle Lima dos Santos
Jedielson Aleixo de Lima
José Adriano Silva de Lima
José Assis dos Santos
José Carlos Pedrosa da Silva
José Ubiraci Bernardo Gomes
Leonardo Edilson dos Santos
Maria Aparecida Siqueira
Maria Sabrina da Silva de Lima
Maria Sonia da Conceição
Maria Vitória Aleixo da Silva
Matheus Silva dos Santos
Rivanildo da Silva
Rosângela da Silva Santos
Sebastião Fernandes da Silva
Taciana da Silva Santos
Taciene da Silva Santos

AGRADECIMENTOS
Adauto Bacelar
Cristiana Tejo
David Henrique
Erlene Melo
Flavia Melo
Geyson Magno
Kiki Mazzucchelli
Leo Barbalho
Lorane Barreto
Luíza Mello
Marcus de Lontra Costa
Mariana Moura
Renata Gamelo
Serge Huot
Sergio Raposo
Sonia Costa
Suzy Okamoto
Tarcísio Almeida

M485r

Mélo, Carlos
Residência Belo Jardim / Carlos Mélo ; coordenação Cristiana Tejo,
Kiki Mazzucchelli. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Automatica, 2018.
200p.: il. ; 16 cm.

Inclui índice
ISBN 978-85-64919-29-7

I. Arte moderna - Séc. XXI. I. Tejo, Cristiana. II. Mazzucchelli, Kiki. III. Título.

18-54436 CDD: 700.435
CDU: 7.038.6

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária CRB-7/6439

18/12/2018 21/12/2018

ESTE CATÁLOGO FOI
IMPRESSO PELA IPSIS
GRÁFICA E EDITORA
UTILIZANDO EM SUA CAPA
O PAPEL MASTERBLANK
LINHO 135g/m², EM
SEU MIOLO OS PAPÉIS
EUROBULK 150 g/m²
E PÓLEN BOLD 90g/m².
A TIRAGEM DE 1000
EXEMPLARES FOI
DIAGRAMADA COM
VARIAÇÕES DA
FAMÍLIA TIPOGRÁFICA
BASKEVILLE.

patrocínio



apoio



realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA



Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-64919-29-7



9 788564 91929